

## Formação Inicial — Complexidade, Complexos e Paradoxos

Jorge Proença\*

Ao eleger a formação como principal factor da sua acção, a SPEF corporiza e dinamiza uma das preocupações cimeiras do grupo profissional que representa. Emergindo desta problemática como elemento nuclear, a formação inicial de professores de Educação Física concentra a nossa atenção e justifica plenamente as palavras do Presidente da Sociedade ao escrever que «Os Professores de Educação Física e as suas organizações de classe não podem eximir-se à vigilância crítica sobre um sistema de formação que, sendo cada vez mais amplo, arrisca ser também cada vez mais complexo e contraditório».

Permitam que vos apresente algumas ideias, fruto dessa «vigilância crítica», porventura carecida de sólidas bases conceptuais, mas sempre generosa e frontalmente assumida. Transmitindo elementos de e para reflexão e sujeitando-os a debate, espero contribuir para um melhor esclarecimento gerador, se possível, de mais consequentes atitudes.

Afirmar a importância da formação inicial nas condições de exercício da profissão é um lugar comum; a sua natureza e qualidade determinam, em boa medida, as capacidades e competências adquiridas e influenciam as perspectivas e o desempenho do professor, seja no plano das relações pessoais e nos ocasionais acontecimentos da sala de aula, seja no plano institucional e ético.

Sabe-se como, em caso de opção, o professor tende a seleccionar para a sua prática docente as matérias e os conteúdos que melhor domina e a evitar, senão mesmo excluir, os menos conhecidos. Atitude acima de

\* FMH-UTL.

Boletim SPEF, n.º 7/8 Inverno/Primavera de 1993, pp. 167-172.

tudo séria, já que ninguém ensina o que não sabe. Mesmo que domine as técnicas e estratégias de ensino.

Como pode organizar-se e conduzir um plano de intervenção pedagógica adequado, em coexistência com a fragilidade de fundamentos técnico-científicos?

BONE (1987), referido por MARCOS ONOFRE (1991), afirma que «a ênfase na formação técnica, relacionada com os problemas da vida profissional, deve caracterizar os actuais cursos de formação inicial»; formação técnica que, segundo ZEICHNER (1983) é um elemento central de qualquer modelo de formação.

A técnica (ou as várias técnicas), património cultural do Homem, constitui inalienável registo da sua própria evolução, na globalidade e em cada uma das múltiplas e diversificadas actividades a que se dedicou: do arremessar uma pedra ao lançamento do dardo. A compreensão do que fazemos hoje e as potencialidades de evolução em qualquer actividade criadora exigem o conhecimento e domínio das técnicas passadas e presentes, em relação com o conhecimento histórico, e uma informação actualizada acerca do objecto ou fenómeno que pretendemos transformar.

Tomemos um exemplo: as modernas técnicas de observação. Estas técnicas comportam, regra geral, o domínio de novos e mais sofisticados instrumentos e novas formas e estratégias — elas próprias dependentes dos meios usados —, em termos a precisar e aprofundar a informação de um dado objecto ou fenómeno. Contudo, importa não esquecer que, se o próprio acto de observar contribui para o melhor conhecimento do observado, a capacidade de observação é subsidiária da informação possuída acerca do que observamos. De que valerá o correcto uso de um potente microscópio perante a insuficiente ou nula informação anterior sobre o objecto ou fenómeno observado?

No plano da intervenção pedagógica, considera-se importante e aconselhável desenvolver a criatividade, entendida como capacidade de problematizar os dados sensíveis e encontrar novas soluções face à constante variabilidade de contextos pedagógicos. Ora tal capacidade tem por condição absolutamente necessária o domínio dos materiais constituintes da argamassa que edificará qualquer alternativa didáctica. É que, nada se cria a partir do vazio.

Observar, aprender, comunicar e criar, mais não são que elementos de uma cadeia comportamental resultante de objectivos definidos, situações propostas ou circunstanciais em que a informação anterior, designadamente o domínio técnico-científico, adquire função determinante.

Concluir-se-á, então, pelo carácter eminentemente técnico-científico que deve revestir a formação inicial, também em Educação Física e Desporto. Carácter consubstanciado nos planos de estudo e organização curricular, nas disciplinas e respectivos conteúdos programáticos, na

distribuição e inter-relação das unidades de crédito atribuídas e não na tradicional ou pretensamente moderna denominação do Curso.

E é aqui que a complexidade própria da matéria em análise se mistura a complexos nunca resolvidos, gerando paradoxos dificilmente ultrapassáveis, mesmo à luz da dialéctica hegeliana! Ou, ao contrário, aparente e rapidamente solucionados mediante aplicação de uma reconversão baptismal!

Na mais recente reestruturação dos cursos de licenciatura ocorrida numa das escolas formando professores de Educação Física — ainda é esta a designação profissional! — foi criada a licenciatura em Ciências do Desporto (duração de quatro anos), com algumas menções. A uma dessas menções chamou-se «Educação Física e Desporto Escolar» e surge como herdeira natural da anterior licenciatura em Educação Física e Desporto (duração de cinco anos).

Vejamos algumas das principais características do plano de estudos da referida licenciatura em Ciências do Desporto — menção Educação Física e Desporto Escolar.

Num total de 119 unidades de crédito (UC), temos:

- 27 UC para disciplinas tradicionalmente consideradas da área médica (Bioquímica, Anatomofisiologia, Psicofisiologia, Fisiologia do Esforço e Fisiologia do Desporto).
- 25 UC para disciplinas da área específica de Educação Física e Desporto (Propedêutica das Actividades Desportivas, Pedagogia do Desporto e Metodologia do Treino Desportivo).
- 12 UC para os Métodos Matemáticos
- 12 UC para as Ciências da Educação

Mais em pormenor e comparando alguns casos paradigmáticos temos que:

- Bioquímica do Comportamento (4,5 UC); Fisiologia (do Esforço e do Desporto) (9,5 UC); PAD (7 UC).
- Análise Matemática (6 UC); Análise Sócio-Histórica da Educação (6 UC).

Se atendermos a que a cadeira de PAD é a única que «visa proporcionar aos alunos as vivências fundamentais num conjunto de modalidades desportivas, pretendendo-se que dominem a especificidade de cada modalidade», tendo por objecto uma diversidade e multiplicidade de práticas desportivas (do Futebol ao Windsurf, do Ténis à Escalada), situaremos e interpretaremos mais precisamente os números anteriores.

Analisando a evolução da carga horária de uma só prática desportiva — o Atletismo, por exemplo — verificamos que em 1972 (Curso com 3 anos + Estágio) tinha cerca de 280 horas; no primeiro Plano de Estudos

do ISEF, existiam 204 horas; em 1982, eram atribuídas 196 horas; actualmente tem 22 horas (PAD), mais algumas (poucas) em Pedagogia do Desporto.

E, não se pense que se trata de um caso isolado; algo de semelhante acontece às restantes práticas desportivas. Tomando como termo de comparação o Plano de Estudos da licenciatura em Educação Física (ISEF) de 1979, verifica-se que a carga horária referente às metodologias, didácticas ou pedagogias era de 2200 a 2500 horas, passando na actual licenciatura em Ciências do Desporto para cerca de 550 horas; isto é, na mesma Escola, um curso com os mesmos objectivos reduziu em 75% o tempo de leccionação destinado a esta área específica!

Para melhor compreensão da tendência evolutiva da novel licenciatura, note-se, ainda, a redução de 13 UC para 10 UC em Pedagogia do Desporto; de 10 UC para 8 UC em Metodologia do Treino; de 16 UC para 12 UC nas disciplinas da área das Ciências da Educação, enquanto aumenta de 3 UC para 4,5 UC a carga horária de Bioquímica; de 4 UC para 6 UC a Análise Matemática e de 2 UC para 6 UC a Estatística. Mas, registe-se, sobretudo, o desaparecimento de duas cadeiras da área das Ciências da Educação — Análise do Processo Ensino-Aprendizagem e Planeamento, Avaliação e Estratégias de Ensino — contempladas no anterior Plano de Estudos com 6 UC e 4 UC, respectivamente.

Perante este quadro, torna-se compreensível a necessidade de, ao menos, preservar uma certa coerência terminológica; um tal plano de estudos dificilmente poderia designar-se de licenciatura em Educação Física e Desporto.

Resta, em nome da mesma coerência, que a pia de água benta seja reabastecida ou a imaginação do criador de novo liberta. Então se extinguirá — com excomunhão, se necessário for — qualquer alusão a Educação Física e até a Desporto Escolar — que também não parece constituir objecto (ou designação) que valha referência ou investimento universitário!

Perdoe-se-nos o estilo, mas, por vezes, ainda constitui o modo mais ajustado de tratar certas ideias ou teorias, cúmplice e permissivamente tornadas realidade. Retomemos um discurso mais interpelativo, não para gerar intranquilidade ou exercitar a máxima cartesiana, mas para acordar consciências e potenciar a acção.

O exemplo aludido representa a última fase embrionária conhecida de um processo há longos anos em gestação em que, progressiva e seguramente, o afã de «cientificar» o Desporto e a assimilação/integração no espírito universitário, tem conduzido ao abandono da Educação Física e votado ao desprezo o próprio Desporto. E, ao invés do que poderia supor-se, tudo isto com menos motricidade e problemática teorização! É que, como lembra Manuel Sérgio (1991), «...sem a materialidade da prática é falsa a identidade da representação teórica.

palavras de Jorge Crespo (1992), «...não é com respostas teóricas, elaboradas em sistemas abstractos, que se pode compreender toda a extensão e complexidade da realidade».

Para além do carácter minimalista em conteúdos específicos, privilegiando outras áreas científicas, qual o significado de um plano de estudos em ensino da Educação Física e Desporto (ou em Ciências do Desporto — menção Educação Física e Desporto Escolar) com igual carga horária em Métodos Quantitativos e em Ciências da Educação?

E o paradoxo acontece: domino as operações quantitativas, mas não sei interpretar os números; conheço a anatomia e a função do organismo, mas ignoro os movimentos (técnicas) que deve executar; dominarei mesmo as técnicas e estratégias de ensino, mas não sei o que ensinar.

Um tal produto é contrário a todo o conhecimento científico nesta área, ignora as recomendações do Conselho da Europa (ref. 15.ª Sessão da Conferência de Ministros da Educação — 1987), estimula e consolida as perspectivas do não-ensino, da Educação Física como tempo e prática de animação, recreação e melhoria da condição física; é inadequado para os formandos e trágico para a profissão.

A não ser que uma nova e revolucionária tese no âmbito da formação inicial de professores constitua projecto experimental: saber ensinar dispensa o conhecimento e domínio do objecto de ensino.

Esperando que a demonstração de uma tão genial hipótese não limitará a sua amostragem à formação de professores de Educação Física, preparemo-nos para, muito brevemente, encontrar nas nossas Escolas colegas docentes de Matemática, incapazes de resolver uma equação do 2.º grau; de Física, confundindo as leis de Newton com a teoria da relatividade; de Química, tomando por similares os conceitos de mistura e composto; de Filosofia, fazendo de Kant um positivista e de Hegel um existencialista; de Português, ensinando que «a Ilha dos Amores» foi cantada por Pessoa; de Educação Musical, baralhando as fusas com as mínimas, mas tocando alegremente o tambor, dando o tom e marcando o passo a um bando de incompetentes!

Contrariando o próprio conhecimento científico e, até, elementares normas de bom senso, dificultando ou retirando qualidade à implementação dos Novos Programas de Educação Física, assiste-se, em vários casos, ao esvaziamento progressivo da componente científico-pedagógica específica, na formação de professores de Educação Física. O exemplo referido não é, infelizmente, único; o modo de funcionamento dos Estágios, os Cursos de Formação Complementar e os Cursos Superiores Especializados na variante Educação Física para equivalência ou complemento da licenciatura, devem constituir preocupação central da Sociedade e de todos nós.

Com a autoridade científica e competência profissional que se lhe reconhecem, consciente da gravidade da situação actual, F. Carreiro da 171

Costa (1991) afirma que «A Sociedade Portuguesa de Educação Física, no âmbito das suas responsabilidades científicas e sociais, deverá promover a avaliação da formação inicial de professores, em colaboração com Sociedades científicas nacionais e estrangeiras e outras entidades idóneas».

Uma adequada formação inicial, privilegiando o saber e o domínio técnico-científico específico, poderá não ser suficiente, mas é, de certo, condição necessária à redução de ambiguidades e à eliminação de complexos; só uma formação inicial assim concebida poderá ajudar à construção de uma competência profissional que, claramente separe o trigo do joio e evite a contaminação de outras ervas daninhas; só uma formação inicial assim estruturada será capaz de contribuir para a definição de uma identidade profissional de que nos possamos orgulhar.

Aceitemos a complexidade da matéria e, até, a eventualidade de não haver uma solução óptima; solucionemos os paradoxos, enfrentemos os desafios e evitemos o pecado original que contribuirá para agravar a crise de identidade e condenará, inexoravelmente, as condições de exercício da profissão.

### **Bibliografia**

- BONE, T. (1987). Changes in the Training of the Teachers. *International Review of Education*, xxxiii, 381-396.
- CARREIRO DA COSTA, F. *et al.* (1989). A Formação de Professores de Educação Física. Análise dos Planos de Estudo das Várias Instituições Formadoras — dos ISEFs às ESEs. *Horizonte*, vol. v, n.º 29, 154-161 e n.º 30, 199-201.
- CRESPO, J. (1992). A Educação Física. A Reestruturação de uma Identidade. *Horizonte*, vol. viii, n.º 48, 217-222.
- ONOFRE, M. (1991). Elementos para a reflexão sobre a Formação de Professores... de Educação Física. *Boletim SPEF*, n.º 1, 75-79.
- SÉRGIO, M. (1991). *A Pergunta Filosófica e o Desporto*. Lisboa: Ed. Compendium.
- ZEICHNER, K. (1983). Alternative Paradigmes of Teacher Education. *Journal of Teacher Education*, 14 (3/3), 3-9.